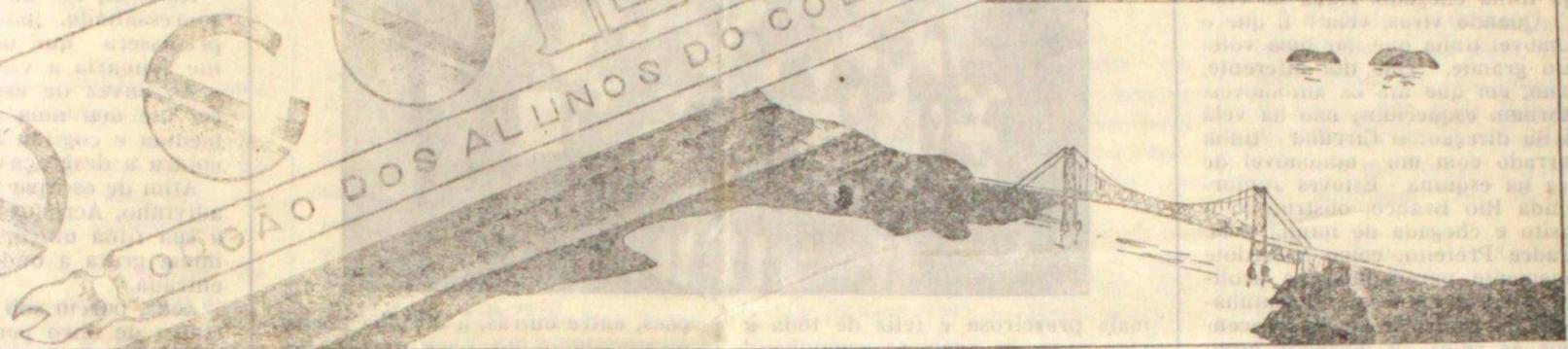


BOLETA

BOLETA DOS ALUNOS DO COLEGIO CATARINENS



Ano IV

Florianópolis, Junho de 1948

N. 4

PARA ONDE VAMOS

(Artigo encontrado entre os papeis do falecido Luiz Medeiros. Transcrevemos estas linhas do saudoso ex-aluno, como a profissão de sua fé).

Em todos os seus atos o homem procura a sua satisfação. Si se trata de um ato material como por exemplo o comer, ele procura satisfazer a fome. Si se trata de um ato moral, ele procura agir de modo que se sinta interiormente satisfeito. P. Ex. vendo uma criança cair e machucar-se o que lhe satisfaz é ver essa criança sarar do que lhe aconteceu, e ficaria triste si se retirasse sem a socorrer. Por isso mesmo até naquelas ações que parecem custar um sacrifício, como seja o privar-se de um prazer qualquer, o que ele visa é em compensação obter depois um prazer maior.

O pagão sente apenas as necessidades materiais e umas poucas morais, resultantes de certos sentimentos que são inatos no homem.

Ao contrário o cristão, possuindo a mais perfeita doutrina moral porque revelada pelo creador da própria alma, tem naturalmente inclinações muito mais elevadas do que o pagão e mais necessidades morais que procura satisfazer.

Mais ainda: quando uma necessidade de natureza moral fundada nos princípios sólidos do Cristianismo colide com uma de ordem material, aquela é geralmente a satisfeita: Assim p. ex. um bom cristão tendo necessidade de um objeto que está ao seu alcance, mas não lhe pertence, não titubeará em ver-se privado desse objeto, para não cometer um furto, que lhe é proibido pelo Decálogo.

Do exposto vê-se que no Cristianismo as necessidades de ordem moral suplantam as materiais, ao contrário do que se dá no paganism.

Apezar dos 20 séculos decorridos desde o nascimento do cristianismo, muitos milhões de almas ainda não viram a Luz Verdadeira, e o que é muito pior vemos atualmente uma verdadeira avalanche avassaladora do paganismo nas sociedades cristãs, se não ostencivamente, pelo menos realmente no modo de agir de muita gente.

E as más consequências dessa invasão do paganismo se vê nas cri-

ses modernas, mesmo as que têm aparência puramente material, como as crises econômicas, pois nos dias em que vivemos, com a última guerra acabada a mais de um ano, as dificuldades da vida são provocadas, criadas ou agravadas pelo desejo desenfreado de muitos gozos materiais, não olhando para as dificuldades alheias, e tais dificuldades também são causadas por êsses potentados por causa da sua não esperança numa vida futura o que, se existisse far-lhes-ia refletir na desnecessidade de sua ação egoísta, tão anti-social.

Se tivessem esperança como nós

temos numa vida futura que tão breve virá para cada um de nós, preocupar-se-iam menos em acumular riquezas hoje à custa dos sofrimentos do próximo, procurando inutilmente aumentar alguns de seus gozos materiais, com o que muitas vezes apenas diminuem os dos outros, pois que para si mesmos eles acarretam a consequências de uma intranquilidade geral, que roubando a paz de espirito vêm perturbarem-lhes as satisfações materiais.

E assim até o próprio homem que se afasta de Cristo para o seu tributo de sofrimento ao paganis-

mo, pois que até para gozar as suas satisfações materiais precisaria ele uma tranquilidade que não tem. Para gozar o mundo o homem se materializa, porém infeliz.

Só lhe cabe voltar a ter uma vida espiritual. Não se pode fugir a isso, pois como diz o Padre Lacroix:

"Há uma contradição profunda entre o pensamento cristão e o pensamento pagão. A luta entre os dois pensamentos não admite tréguas nem concessões. Ceder é um fugir do outro. Resistir ao suave influxo de Jesus é retornar ao paganismo".

Sim é a realidade. O mundo moderno repaganiza-se em todos os setores.

— Que preferirá o homem? A volta ao mundo pagão com os seus filósofos a procurarem provar os maiores absurdos, como o culto de tudo menos do próprio Deus, com o pansensualismo dominando a sociedade, com a eternidade da matéria, com os homens a se odiarem, com a liceidade da escravidão, com o fatalismo irritante e ainda muitas outras misérias?

Que preferirá o homem, digo, a volta ao mundo pagão ou a volta ao Cristianismo que possui a mais perfeita moral; sim o retorno a esse Cristo que não só condena as más obras mas condena até os más pensamentos; o retorno a esse Cristo que parecendo contrariar a própria natureza, mandanos amar os nossos próprios inimigos; o retorno a esse Cristo que pregou a caridade de tal forma que no juízo final só a prática da caridade será recompensada e a falta castigada.

Sim, meus colegas, para onde vamos com o mundo a se paganizar? Vamos para um lodaçal de misérias humanas.

Mas não sejamos pessimistas! Quando Jesus apareceu na Terra, o orgulho, a vaidade e a perversidade humana, pareciam ter atingido o seu climax. E no entanto o

(Conclue na 2ª página)

SINOS, SENTIMENTO E ENTARDECER

Era ali, bem pertinho da minha casa,
Havia uma igreja toda caiada...
Caiada das almas puras que a visitavam.
Quando chegava a tarde,
A serra abocanhava o sol lá longe...
O dia fugia... fugia do negror, do medo
O dia fugia... fugia do negror, do medo da escuridão...

Os sinos gemiam,
Bem... Bem... Bem...
Imploravam
Bom... Bom... Bom...
O moleque Tião sempre arremedava,
Eu ti quero bem
Vem cá cristão
Eu ti quero bem
Vem cá cristão

Ficava triste...
Punha-me a pensar...
Sentia um apêto no coração...
— Padre... eê... eu...
— Ja sei filho...
— Mas... foram só duas...
Como eram gostosas as laranjas de seu João...
Os sinos continuavam
Bem... Bem... Bem... Bom...

L. Mendes, 2º científico.

Quem não sabe ler e escrever:

Não dispõe de elementos para o aperfeiçoamento de sua própria personalidade.

MEU DIA DA 1ª. COMUNHÃO

Foi o 16 de Maio, o qual amanheceu pálido e nebuloso. Mas, mesmo assim, para nós, comungantes, foi um dia de grande alegria. Alegrou-nos que comparecesse tanta gente, apesar da chuva.

Reunimo-nos na sala do 2º C, onde nos ajudaram os padres Marrocco e Armando a por a fita. Eu passeava de um lado para outro, a espera da vela que tinha esquecido em casa. Enquanto arrumava minha fita o padre Armando, eu mandava um, mandava outro — irem à frente do ginásio verificar se aquela já tinha cegado. Nada de chegar! Quando viras, vela? E que o automóvel tinha que dar uma volta muito grande. Que dia diferente, mesmo, em que até os automóveis se tornam esquecidos, não da vela mas da direção: o Circular tinha esbarrado com um automóvel de praça na esquina Esteves Junior-Avenida Rio Branco, obstruindo o trânsito e chegada de minha vela. O Padre Prefeito, como sacerdote solenemente paramentado e acolitado, veio buscar-nos; encaminhámo-nos em desfile à capela, lá acendemos as velas, já postados junto ao altar. Fazíamos o juramento de nossas promessas do batismo, não assim que minha vela não accorresse no justo tempo, dispensando a vela emprestada. Terminado o sagrado juramento, podíamos escutar as bem coordenadas melodias ensaiadas para nossa festa pelo coro dos internos. Era uma nova nota de emoção. As cerimônias se desenrolavam, corriam, fugiam. Já nos estamos entreolando; um ao outro dizemos com a visão que tinha

chegado o momento aguardado. momento e hora em que iríamos receber o corpo de CRISTO; hora em que Jesus Cristo estaria ali, perante nós, compartilhando de nossa felicidade que é Ele próprio; hora em que plantaríamos a recordação



mais prazerosa e feliz de toda a vida; hora de nossa 1ª comunhão!

A fila de frente foi para o altar. Fizemos genuflexão eu e meu companheiro e subimos também.

Tomada a sagrada hostia, retornei a meu lugar, ajoelhei-me e comeci a cantar Jesus Cristo, em cuja face escorriam lágrimas, mas com uma fisionomia sem demonstrar sinal algum de dor. Ali eu comeci a pensar quanto Jesus Cristo sofreu por nós. Após terem todos comungado, começamos a ler em voz alta nos Louvores e Preces. Quan-

do acabou a missa, dirigimo-nos em forma ao refeitório, onde nos foi oferecido um delicioso chocolate com doces. Enquanto isto, cumprimentavam-nos os parentes. Seguiu-se a festa no teatro. A orquestra dos alunos do ginásio, embora desfalcada por causa do mau tempo, apresentou-nos números escolhidos e bem tocados. Ouvimos declama-

ções, entre outras, a de uma poesia do ginásio Jair Back Pontes, denominada por Hamilton Alves. Declamaram Carlos Gevaerd, virgílio Cardoso; Marcio Colloço discursou uma bela saudação. Entrega-nos o Padre Prefeito a lembrança de nossa 1ª. Comunhão.

Retiramo-nos do salão, para tirar uma fotografia.

Esta outra também já está tirada.

Luís Campos, 3º gin. C.

AH! SE TODOS OS DIAS FOSSEM COMO ÊSTE...



Ah! se todos os dias fossem como este...

Manhã tristonha de verão... O céu amanhecera completamente coberto de nuvens. Porém, mais tristonhos que a manhã, estavam os corações dos jovens que iam ao picnic, para iniciarem a serie de passeios do ano de 1948. De repente, uma nuvem camaria parte se ao meio para deixar passar os raios solares tão esperados por todos nós. Arrumamo-nos depressa e corremos para o ginásio onde já nos esperavam o P. Marrocco, o P. Henrique e o padre Antonio. Éramos ao todo 18 e partimos alegres para a Lagoa, onde chegamos ali pelas 8 horas. Agora só restava a travessia das dunas que era um pouco puxada, mas o pensamento nos folgueou que iríamos ter neste dia, tornou-nos incansáveis. Iamos divididos em tres grupos e só um o Zimmer é que atravessava sozinho, à marchar imponente com sua gaita.

Como ia Cheio...

Após uns bons 45m de marcha, já ouvimos o barulho do mar bravo da Lagoa. Quando lá chegamos, fizemos uma pequena refeição, pois a caminhada deixou-nos esfaimados. Logo após calmos n'á-

gua... mas como estava gelada!... E foi numa dessas bravias que o Ademí tentou boiar... Foi a conta. Veio ele, onde, quem estava na frente e tudo. Contado do Edio Faria... foi a vítima. Após este gostoso banho fizemos uma partida de foot-ball entre os torcedores do Flamengo e Vasco e os do Fluminense e Botafogo.

A partida terminou com o grito do P. Antonio: "Eh! pessoal, o cate tá pronto!" Foi a conta todo o mundo correu, que nem urubu na carniça. Depois da comuñça, o P. Henrique convidou-nos a explorar os arredores e cinco minutos depois encontramos confortavel cabana de pescadores onde passamos in descansando. Depois disso, camos n'agua para então desempatar a partida, que terminara por 2 x 2. Venceu o Flamengo e Vasco por 8 x 3. Eta juiz bom o P. Henrique!... E assim jogando, nadando, descansando e posando para fotografias tiradas pelo P. Emilio, passou-se o dia.

Voltamos com a alma cheia de alegria e a pensar:

Ah! se todos os dias fossem como este...

Fernando José C. Bastos
1 Científico

PARA ONDE VAMOS

(Conclusão)

que aconteceu foi uma transformação radical na sociedade humana. E todos os seculos que se seguiram receberam o sopro vivificador do Nazareno em todos os ramos da vida.

Não sejamos pessimistas, repito, a luta entre o cristianismo e o paganismo existirá até o fim do mundo. Nada conseguirá eclipsar por um instante sequer os raios luzentes da frente do Nazareno. E, conforme já se disse com tanta propriedade, a humanidade cristianizada será qual Lázaro que depois de ter seus restos putrefeitos, abandona o sepulcro da degradação e ressurgue com seus membros reanimados com a seiva de uma vida nova, vida essa que só Cristo pode dar.

Salve pois Jesús Nazareno, Redentor do mundo. Tu es o calor intenso que fortalece a nossa alma.

Descansa em tua glória, nobre fundador da mais sublime das doutrinas; tua obra está concluída; tua divindade demonstrada.

L. M.



MENINOS:

Provas

Parciais

2ª metade de

Junho!!

O COLEGIAL
Órgão dos alunos do Colégio
Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

—o—

Redação: Colégio Catarinense

MITOLOGIA

Perseu

Acrisios, rei da Argolida, vivia sobressaltado, pois um adivinho predissera que um de seus netos lhe roubaria a vida e o trono.

Ao invés de esquecer o fato, o rei lhe deu uma importancia desmedida e cogitou logo de precaver contra a desgraça que o ameaçava.

Afim de escapar a predicação do adivinho, Acrisios mandou prender a sua filha única, chamada Danae, numa gruta a onde ninguem tinha entrada.

Zeus, porém sob a forma de uma chuva de ouro penetrou na prisão e de Zeus e Danae nasceu um filho que se chamou Perseu.

Acrisios ao saber do sucedido, ficou indignado e mandou encerrar a sua filha Danae e seu neto Perseu em um cofre, depois do que, sob as suas proprias vistas foram jogados ao mar.

O cofre em lugar de ir para o fundo, boiou e foi levado pelas ondas, indo ter à ilha de Seriphos.

Dominavam nessa ilha dois irmãos, Dictys e Polydectes, os quais acharam o cofre e o recomeram.

Polydectes entregou Danae a sua esposa e encarregou-se, ele mesmo da criação de Perseu, o filho de Zeus.

Quando Perseu se tornou um mancebo, belo e audaz, persuadiu-o Polydectes, seu pai adotivo, a emprender grandes feitos.

Perseu, que ansiava por se tornar um heroi, despeuiu-se por entre lagrimas de seu protetor e partiu, já com a resolução formada de dar cabo do terrivel monstro que se chamava Medusa.

Na viagem Perseu encontrou as Graias, três pavorosas creaturas que tinham nascido já velhas e possuíam, as três, apenas um olho e um dente que, por isso andava ora com uma, ora com outra.

Perseu se apoderou do dente e do olho das três velhas e somente os devolveu quando elas lhe ensinaram o local em que habitavam as Nymphas. Com as Nymphas Perseu encontrou umas sandálias aladas e um capacete encantado, tanto assim que quem usasse tais objetos, poderia ir onde quizesse, sem ser visto por ninguém.

Deram-lhe elas ainda uma foice afiada que pertencera ao deus Hermes, e o moço depois de agradecer tais prendas lançou-se no espaço e logo desapareceu.

Com o auxilio das sandálias voadoras fácil foi a Perseu chegar ao local em que se achava a Medusa.

Era ela um horrivel monstro, cujas feições eram de mulher, mas que tinha serpentes em lugar de cabelos.

E tao terrivel era a Medusa que transformava em pedra quem a visse. Perseu encontrou-a dormindo e cortou-lhe a cabeça de um golpe, guiado pelo seu reflexo no espelho do escudo.

Do sangue da Medusa nasceu então o cavallo Pégaso, do qual se utilizou Bellerofonte para lutar contra a Chimera.

Quando regressava, levando a cabeça da Medusa num sacco, Perseu avistou, presa a um rochedo, na beira do oceano, uma mulher ainda jovem e extremamente formosa.

Perseu aproximou-se da prisão e procurou conhecer a sua história.

(Continua na 4ª página)

A RELIGIÃO E O ESPORTE

Deus é um ente todo poderoso que criou tudo que possuímos. É por intermédio da religião que O adoramos. Porém que ligação terá o esporte e a religião? A ligação entre o

1) O campo do estudo da ciência do saber; é neste campo que fortalecemos nossas mentes e a preparamos para a luta da vida.
2) O campo da Fé, este campo que jamais terminará, pois por



Mens sana in corpore sano

esporte e a religião é de grande importância. Em primeiro lugar, porque vários indivíduos que se tornam adeptos do esporte perdem muito da Fé. Em segundo lugar, porque a maioria dos que são religiosos tornam-se inimigos permanentes do esporte.

E da onde se originou esta rivalidade, se os dois são benéficos ao homem?

Simplemente porque os primeiros são indivíduos que passam além dos limites esportivos tornando-se excessivamente vaidosos. E os últimos, por causa da liberdade que os esportistas tomam em campo, encaram o esporte como um caminho para o mal.

Peço porém ao amigo que me acompanhe através da História, vindo ter à antiga Grécia, o centro da beleza harmônica, nesta Grécia antiga em que encontramos o único povo que conseguiu reunir a força física ao intelecto. E foi nesta reunião que surgiu um Platão, um Fidias, um Péricles, homens que foram a grandeza da Grécia e até hoje assombrom o mundo com seu saber e sua arte. Que vemos nesta maravilhosa terra? A reunião do intelecto à força.

Deus não pode ser contra o esporte.

Deus é contra a ociosidade que é geradora de todos os vícios, de todos os pecados.

Enquanto o ambiente esportivo é um ambiente de alegria, jovialidade, fidelidade e virilidade, é um ambiente são.

Porém o mal do esporte que a religião condena, está em indivíduos que infelizmente não pertencem a este ambiente, profanando-o com suas ações malélicas.

Como evitar que isto aconteça? Nada mais fácil apenas acrescentar um "ad Deum" a esta celebre frase Mens sana in corpore sano — e teremos "Mens sana in corpore sano ad Deum". Se adotarmos esta frase teremos então a tão desejada harmonia entre a religião e o esporte.

Um corpo perfeito condiciona a facilidade da perfeição mental que elabora, idéia por idéia.

A religião é a correspondência espiritual do esporte. Este, nos dá força física, aquela nos dá força moral. Se tivermos força moral e força física teremos por certo mente sã num corpo são.

Se conseguirmos fundir o esporte e a religião, talvez tenhamos a harmonia que alcançou o grego.

Em terreno mais propício para desenvolver esta teoria, não existe que o Colégio Catarinense. Pois é justamente no Colégio que se acham os três campos que necessitamos para esta obra e que são!

meio dele chegamos a Deus que nos recompensará de nossos jornadas terrestres.

3) É o campo do esporte que nos dará resistência física, saúde, força e destreza, preparando-nos para o nosso destino familiar, nacional, temporal e eterno!

Carlos Hugo Souza
3ª Série B.

ERRANTES F. C. X SELECIONADO LIGA MEDIA

5 x 3

Pela quarta vez se defrontaram no dia 27 de maio as equipes do Errantes F. C. e a do Selecionado da Liga Média, saindo vencedor mais uma vez o Errantes. Esta vitória, aliás bem merecida, é uma pequena amostra do poderio dos comandos de Cyro. O "Errantes" que já completou dois anos de existência, diga-se de passagem, quasi todo de vitórias, bem mostra a harmonia que existe entre os seus defensores. Foi o Errantes, campeão da Liga Grande, no ano que passou, e o será com toda certeza também no de 1948.

Talvez, deva isto à harmonia de sua linha e uma sólida defesa, que é terror dos adversários.

Vejamos, agora, os jogadores individualmente.

Cyro, o goleiro, é o capitão do time, o que mais luta, o que mais se esforça para conter alguns ânimos exaltados. Ele é mais do que o capitão do quadro, é um amigo de todos os jogadores. Cyro é um goleiro seguro, e parece estar vol-

Internato x Faculdade de Direito

Fundou-se na Faculdade de Direito desta capital um time de futebol. Conseguindo, com licença do P. Prefeito Geral, realizaram uma série de jogos com o internato. Após algumas derrotas, os valorosos universitários "desenferrujadas já as canelas" conseguiram uma brilhante vitória contra os internos. Animados com esta, obtiveram um jogo de medalhas para disputa-las com o internato.

Sábado último, dia 29, foi o dia tão esperado pelos internos, para a grande peleja. De início o empate pareceu-nos bastante equilibrado, sendo que a turma da faculdade, por intermédio de Borba, consignou um impressionante tento. Porém, devido a uma falta de Nelson, no nosso goleiro Pedro, o tento foi anulado. Até o fim do 1º tempo a partida continuou um pouco favorável aos internos que estando num de seus melhores dias, conseguiram 2 tentos, ao passo que a Faculdade marcou apenas 1 goal.

Tendo em vista um jogo de medalhas, os representantes do Internato entraram para um 2º tempo mais significante e conseguiram

consignar mais 2 tentos. Os estudantes de Direito não desanimaram e por várias vezes puseram em perigo o arco guarnecido por Pedro.

Chegou o final da partida e o marcador indicava 4 x 1 para os internos. Em resumo a partida foi mesmo dos internos que mantiveram equilibrada no primeiro tempo, dominando no segundo.

Resultado 4 x 1.

E assim ficam de parabéns com esta grande vitória os craks do internato e seu valoroso tecnico, P. Henrique.

Os quadros jogaram assim constituídos: Internato: Pedro, Lauro e Fretta; oereu, Lio e Marangona, Lula, Jaison, Ari, Assuero, e Wilfredo.

Faculdade: Fulvio, Hélio e Dalmo; Colaço, Duda e Galego; Carmelo, Nelson, Borga, Queixada e Cardoso.

Árbitro — O sr. Agapito Velozo.

Atuação — Ótima.



P. João torcendo.

tando a ser aquele goleiro agil, como o foi em outros tempos.

Na zaga temos Asa e Vaz; este segundo está se impondo cada dia que passa como um seguroagueiro, que joga com inteligência. É seguro e preciso em suas rebatidas. Na intermediária temos como médio esquerdo Zaro. E, sem dúvida alguma, um grande jogador. Bom fintador e esforçado: é um grande esteio da defesa do Errantes. Quem

não admira aquelas suas investidas impetuosas? No centro da linha média temos Getúlio. O craque do Bocaíva F. C. — é grande ogador. É a ele que deve o Errantes muitas de suas vitórias.

Na asa média direita temos Júlio.

Júlio como sempre, é um elemento de destaque. Com seu vigoroso pelotazo, é um bom médio, que com aro e Getúlio, formam uma intermediária segura.

Na extrema direita aparece Tuca. Este, se acha deslocado de sua posição, mas apesar disso tem se conduzido acontento.

Na meia direita aparece Pelito, um fintador, que além disso arma com inteligência as jogadas, de que é incumbido.

Pinto é o centro-avante, ótimo chutador: é o artilheiro do quadro. Infiltra-se bem nas linhas adversárias e é o pavor de muitas defesas.

Barata na meia esquerda é o cerebro da linha atacante. Jogando com inteligência, esforçado, merece ele a admiração dos seus companheiros.

Cuca como Tuca, está deslocado de sua posição, mas como seu companheiro, desincumbe-se bem do seu trabalho. Com aquela calma, que lhe é característica é um dos bons elementos do Errantes.

Eis, aqui, em poucas palavras o que é o ERRANTES.

Uma plêiade de ovens que admiram e praticam o esporte número um do Brasil.

Parabéns, pois, à ELES.



SÁBADO DE ALELUIA

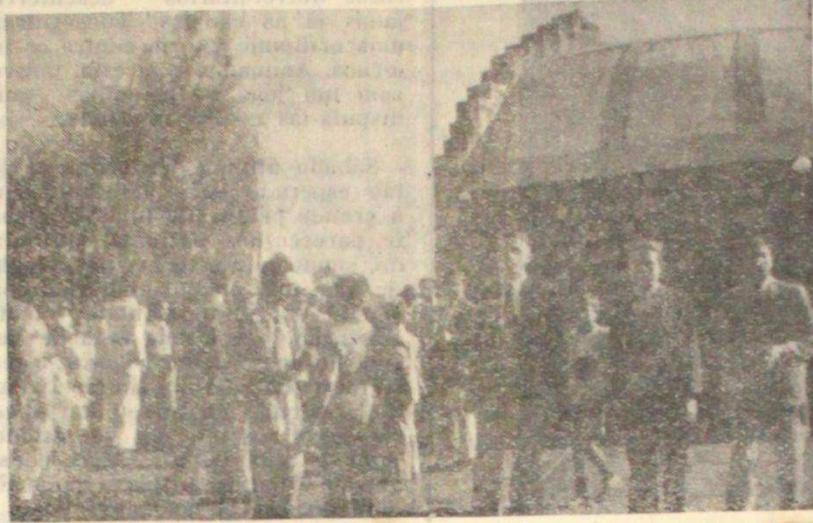
Coitado do Judas!
Quantos amigos quando se tira o retrato!

E' fácil e rápida a aprendizagem da leitura!
Indique aos analfabetos, que conheça, uma das classes de ensino supletivo.

O PÃO NOSSO

Homem, come o teu pão,
O pão do teu suor,
Melhor, muito melhor
Que o pão de outros países.
Cultiva a tua terra,
Desde o sopé da serra
Aos alcântas.
Segura à tua mão,
O leme da charrua;
Abre o peito do chão
Em chaga viva e nua.
Faze disse quartel
De gleba palpitante,
Teu verdadeiro lar,
Ceifeiro transbordante,
Extenso é lindo mar,
De vendura sadia...
Desperta, pois, que o dia
É teu; e o sol de amanhã
Beijará teu trigal,
Seára sem rival
Lourejando louça,
Faze o milagre velho
Do Evangelho,
Multiplicando o pão.
O paraíso se faz
De um coração,
De um galho,
De simples ninho
Aonde o passarinho
Vive em paz.
No agasalho
Que produz a tusta,
Transformando o arbusto,
Empobrecido e feio,
Em vivenda ideal,
Em opulento seio,
Em palácio real!
Faze esse milagre, pois,
Com o teu esforço,
Atrelando os teus bois
Ao teu arado
Para rasgar o dorso
Do teu prado
Improdutivo e rude.
Faze do charco imundo
Ondé a maleita impera,
A tua primavera
De saúde.
E o teu casal, então,
Lá no sopé da serra
Que verdeja,
Prometerá teu pão,
O pão que vem da terra
E que loureja
A luz do sol amigo
Que amadurece e beija
A seára do teu trigo.
Adorna
O teu rincão
Que a oficina virá
Cantar sua canção
De bigorna,
Forjando a chave
De tua aldeia
E que ha de abrir
Essa coimela
Do porvir...
Planta e terá
Teu paraíso feito
E então, depois, verás
Se transformar teu eito
Em mais ativa tenda
De trabalho sadio:
A escola surgirá
A se espelhar no rio
Que atravessa a fazenda.
E o templo
Semeador da fé,
Se erguerá de pé
Dando o exemplo
De como exsurge
De rúde herdade
Uma cidade.
Eis a semente! — Urge
Faz-la vigorar.
Do ariete — mão
E da vontade — alma,
Faze o milagre
Do teu chão,
De tua glória
Do teu destino:
Canta o teu hino
De vitória! —
E te dar vigor
E te dar o vigor
Rubro como o vinho,
Necessário e capaz
De te fazer feliz
Na doce paz
Grande e feliz é o povo

CAMBIRELA



Nas Águas Minerais de Santa Catarina

Sentados sobre caixotes em três possantes caminhões
Afastam-se os internos libertados de suas prisões!
Lá vão eles gritando, rindo e gorgendo agora...
"Vai ter hoje!" missa, canto com gaita, banana e... ninguém ignora!
Enquanto os motores roncam, todos em algazarra gritam e cantam.

Ao longo do caminho o povo se benze, os burros se espantam,
mas, uma vez se revela, que para criar humor forte e sadio,
interessa aos internos movimento, ar livre, natureza, mar e rio!
"Gente: todo o mundo apeie, e se aprume, para a missa na gruta!"
Ouviram calados a voz do Prefeito — "Jaión! que é isso? Escuta!..."

"Vamos ver seu Lio!"... "Olhe turma! aqui brota agua cristalina!"
Incontinentemente a petizada corre a ver o que não se imagina...
Lavamos as mãos, sorvem e comentam, Fonchila, Gamba e Curru...
"Amen!" disse o Paure; findou a missa e o canto. — "Todos lá ao Bambú!"
Internos saõ assim: correm, disparam as laranjas e bergamotas!
"Mas! — Suspeita alguém — vocês roubaram!" — "Calá a Loca! não conte lorotas!"

Senhora mais caridosa não há, que a senhora Vilaim!
Estiende a toalha, manteiga aliza, reparte o pão com dedos de marfim
Já ferve o café, já corre a banana; já todos saciados vejo
Ao som da gaita cantando, quais aves aos raios do sol bemfazejo.

"Franklin, segura bem a vaquinha!" E mil punhos contrafeitos
Envolvem o indefeso vitelo, figura de gente vítima de preconceitos!
Livre das mãos importunas, lá dispara a rez rumo aos estábulos...
imensa gratidão à serviçal família que já nos deixa saudosos...
Zarpamos enfim daí... "Já! tão cedo". — Todos reiteiros, contentes gososos...

FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESÚS

O Ginásio Catarinense comemorou solenemente a festa do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da Capela.

As 7,30 o R. P. Diretor celebrou a S. Missa para os alunos externos e internos. A velha capela se tornou diminuta para conter os 400 alunos que estavam presentes. Houve muitas comunhões, e principalmente e digno de nota o terror de muitos alunos que depois de meses e ate de mais tempo, vieram receber a Jesus Sacramentado, para possuírem novamente aquela felicidade do espirito que só Deus Padre pode dar.

Depois da missa começou a adoração. Cada série, a começar pelo Curso Médio fez sua hora de adoração.

As onze horas, depois dos jogos encerrou-se a adoração com bênção solene e Congregação do Colégio Catarinense ao Sagrado Coração de Jesús.

Que as bênções desse divino Coração derramem a paz, o espirito da renúncia, e a caridade sobre os corações de todos os mestres e alunos deste estabelecimento.

Do teu trabalho,
Que vê no malho
E na charrúa,
Ideal sublime e novo
De progresso eficaz,
Sem que destrúa
O que éle próprio faz
Para ser grande e belo
E que a guerra destróe
Com o seu martelo
E o seu heróe!

Homem, come o teu pão,
O pão do teu trabalho,
Feito por tua mão
E que viste nascer
Como fio de verdura,
E que viste crescer
Na terra amiga

Até a loura espiga
Que se abriu de madura;
Que levaste depois
Ao passo dos teus bois
As mós do teu moinho,

Homem, come o teu pão,
Enche de vinho o cantil
E bebe à tua alegria
Resando a tua oração:
— Pão nosso de cada dia,
Sangue do meu coração
E carne do meu Brasil,
— Sê hostia do nosso altar,
Sê suprema maravilha,
Grandesa do nosso lar
E paz da nossa família!

ANTENOR MORAES

A ALFABETIZAÇÃO EM NÚMEROS

O controle estatístico do analfabetismo no Brasil, como não podia deixar de ser, é de grande importância. A fixação dos números racionaliza e informa a tarefa de todos que se entregam à campanha. O conhecimento dos resultados será um estímulo e, por outro lado, as diferenças de Estado para outro devem ensinar o sadio espirito de competição.

Apresentamos aqui certos dados. Em 1 de setembro de 1940, dos 20,96 habitantes de 18 anos e mais no Brasil, 9,14 sabiam ler e escrever, o que nos dá a seguinte proporção: apenas 44% da população adulta era alfabetizada. As quotas de alfabetização mostra grandes diferenças para as diversas Unidades da Federação. Depois do Distrito Federal, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Paraná, ocupam os quatro primeiros lugares. Os quatro últimos são ocupados por Alagoas, Piauí, Maranhão e Paraíba. Em todos os Estados do Sul a quota de alfabetização excede 48%, enquanto que em nenhum dos Estados do norte atinge essa quota 31%.

Podemos adiantar outros dados. Comparadas as quotas de alfabetização de 1920 a 1940 verificamos que registrou-se um aumento de 8,8% no número de analfabetos, o que equivale dizer: estaríamos daqui a 52 anos com 30% de analfabetos entre a nossa população de 18 anos e mais.

Os números acima demonstram o alto sentido da educação de adultos. Demonstram igualmente de que maneira deve ser distribuído o esforço de quantos compreenderam o alcance dessa campanha, tendo em vista as sensíveis diferenças de um Estado para outro.

(Serviço de Educação de Adultos).

MITOLOGIA

(Conclusão)

Chamo-me Andromeda, disse a moça, e meu pai é Cepheu, rei da Ethiopia. Cepheu explicou a Perseu que um oráculo predissera que se éle sacrificasse a filha o país ficaria livre de um enorme monstro marinho, que era o terror da população.

Perseu prometeu livrar a moça das garras do monstro e matá-lo.

Então Cepheu lhe disse que, de tal fizesse lhe daria a filha Andromeda por esposa.

Quando o monstro apareceu, e éle era enorme, quase do tamanho de uma casa, Perseu o esperou calmamente, e apresentou ao animal a sangrenta cabeça da Medusa, transformando-o em pedra no mesmo instante.

Assim a princeza Andromeda ficou livre e seguiu o seu salvador com quem se casou, conforme prometera Cepheu, seu pai.

Phineu, irmão de Cepheu e tio de Andromeda, sabendo que a sobrinha havia se casado com Perseu, apareceu no palácio deste, acompanhado por vários homens armados, disposto a roubar-lhe a esposa ou dela se apoderar pela força.

Perseu, depois de esgotados os argumentos para fazer Phineu proceder sensatamente, e, vendo-se ameaçado, mostrou a estes e a seus companheiros a cabeça da Medusa, transformando-os em pedra.

Cid Carlos Porto, 1º cient.